

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**FACULDADE DE TEOLOGIA: CAMPUS SANTANA**

**GENEVAL CANDIDO DA SILVA**

**FAMÍLIA: BERÇO DE VIDA E DE FÉ**

**SÃO PAULO**  
**2017**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**FACULDADE DE TEOLOGIA: CAMPUS SANTANA**

GENEVAL CANDIDO DA SILVA

**FAMÍLIA: BERÇO DE VIDA E DE FÉ**

Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Agnese Costalunga.

**SÃO PAULO**  
**2017**

Banca Examinadora

---

---

---

Na família,  
“Todos os membros evangelizam e são  
evangelizados”. Paulo VI

“Quero contemplar Cristo vivo, que  
está presente em tantas histórias do  
amor, e invocar o fogo do Espírito  
Santo obre todas as famílias do  
mundo”. Papa Francisco

“Pai,. a vida eterna é esta: que eles  
te conheçam a ti, o Deus único e  
verdadeiro, e aquele que enviaste  
Jesus Cristo”. (Jo 17,3).

## **RESUMO**

O presente trabalho tem a finalidade de ressaltar o papel primordial da família, como comunidade propícia à iniciação cristã. É da e na família onde nasce e se desenvolve a formação da identidade da pessoa. Pela convivência na família, em toda a sua complexidade possível, vão-se constituindo os valores pessoais e sociais que nortearão a vida de cada um. À família cristã cabe a missão indeclinável, insubstituível, de paulatinamente, ir apresentando de maneira eficiente e eficazmente, os ensinamentos e as propostas de Jesus Cristo. Na família cristã está o terreno fértil onde o Semeador semeia e faz frutificar as sementes do Reino de Deus. Em família cristã, pais e filhos refletirão sobre as Escrituras Sagradas, e viverão os Sacramentos. Que a família cristã viva a sua missão de Jesus Cristo.

**Palavras Chave:** Família – Evangelização – Transmissão da fé - Formação permanente.

## **ABSTRACT**

The present work has a purpose to emphasize or primordial role of the family, as a place conducive to Christian initiation. It is in the family that the formation of a person's identity is born and developed. Through the coexistence in the family, in all its possible complexity, the values of goods and editions that will guide the life of each one are co0nstituted. The Christian family is an instructor, irreplaceable, of a gradual nature, offering himself efficiently and effectively, in the teachings and as proposals of Jesus Christ. In the Christian family is in the land where the Sower is sown and will sow as fruit of the Kingdom. In Christian family, parents and children reflected in Sacred Scriptures, and live of the Sacraments. May the Christian family live its mission of Jesus Christ.

**Keywords:** Family - Evangelization - Transmission of the faith - Formation

## **Agradecimentos**

Agradeço a todas as pessoas que torceram, rezaram e comigo desejaram, que eu perseverasse nesse caminho tão valoroso da conclusão de curso, e assim conquistasse o muito almejado Título de Bacharel em Teologia, dessa prestigiosa Pontifícia Universidade Católica, em São Paulo.

Agradeço à minha comunidade religiosa pela atenção e orações, especialmente aos meus párocos Ezael Juliatto, Tchê, meu iniciante e Fabrício Mendes Moraes, meu pároco atual.

A Todos que tiveram participação.

Agradeço a todos os meus amigos de faculdade, pelos incontáveis momentos de convivência amistosa, edificante e proveitosa.

Agradeço a instituição PUC e aos meus doutos professores pela atenção e dedicação a mim dispensadas.

Destaco minha orientadora, professora Agnese Costalunga, pela sua compreensão, paciência e tolerância para que eu conseguisse realizar as pesquisas e concluir esse trabalho, e a caminho de também concluir um grande sonho.

À minha família, Durvalina Antonio, esposa, companheira, fiel, presente, animadora, de todas as horas, Maicon, filho, apoio logístico, sempre disponível, Glaucia, nora que nos trouxe o João Vitor, neto, dois anos nossa feliz continuação, de onde vieram forças e incentivo, aos quais fico grato pela inspiração.

### **Agradecimento Especial**

Agradeço à Profª Dra Agnese Costalunga, minha orientadora, pela compreensão, tolerância e orientação, para que eu conseguisse realizar as pesquisas necessárias, e realizar esse trabalho de conclusão de curso.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

RICA – Ritual de iniciação Cristã de Adultos.

DAP – Documento de Aparecida

CELAM - Conselho Episcopal Latino-americano

LG – Lumen Gentium

GS – Gaudium et Spes

DSD – Documento de Santo Domingos

CIC – Catecismo da Igreja Católica

EG – Evangelii Gaudium

EN – Evangelii Nuntiand

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DNC – Diretório Nacional de Catequese

AA - Apostolicam Actuositatem (Decreto sobre o apostolado dos leigos)

FC - Familiaris Consortio

DGC – Diretório Geral Catequético

CT - Exortação Apostólica Catechesi Tradendae

EV - Evangelium Vita

## SUMÁRIO

Introdução.....	13
Apresentação e Considerações Iniciais.....	14
A prática da vida cristã familiar alimentada pelo mútuo amor.....	15
Tempos muito difíceis .....	16
<b>CAPÍTULO I</b> .....	17
Conceitos e Práticas Educativas Familiares a Partir do Concílio Vaticano II.....	17
Documentos desde o Concílio Vaticano II até o Pontificado de Bento XVI.....	18
<b>CAPÍTULO II</b> .....	24
A Família no Documento de Aparecida .....	24
A Vocação da Família na Sociedade e na Igreja .....	27
A família: testemunha mistagógica da missionariedade.....	30
A família e seus desafios em sua missão evangelizadora.....	32
Propostas para a pastoral da família no documento de aparecida.....	33
A família e a construção de comunidades .....	33
A família escola de fé .....	33
Considerações do segundo capítulo.....	34
<b>CAPÍTULO III</b> .....	37
A família na familiaris consortio .....	37
Notas introdutórias.....	37
Valores e problemas da família contemporânea em perspectiva da experiência educativa .....	39
Convicções doutrinárias: família espaço educativo e de transmissão da fé .....	40

Convergências pastorais possíveis sobre família hoje.....	47
Considerações finais .....	53
A semente já foi lançada.....	53
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

Focalizando e refletindo atualmente, sobre a realidade da **FAMILIAR** enquanto **BERÇO DE VIDA E DE FÉ** percebe-se que nos encontramos diante de um contexto de sociedade onde a vida da grande maioria das famílias é empobrecida e cada vez mais socialmente, descuidada e desvalorizada. Em outras palavras, pretende-se dizer que a família, particularmente em Continente Latino-Americano não tem garantido os imperativos básicos para construir uma vida digna e humanizada.

A fé, enquanto experiência de serviço missionário Samaritano (cf. Lc 10, 29-37) na humanidade, particularmente entre a população mais empobrecida, necessitada de hospitalidade, de acolhimento, de promoção da justiça etc. Encontrou, no Concílio Vaticano II, nas Conferências Episcopais Latino-Americanas, nas Diretrizes Gerais da Ação da Igreja no Brasil, no Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA, 1972), no Catecismo da Igreja Católica (1992) particularmente nos números 1247 a 1281 vários parágrafos, densos e iluminadores sobre o catecumenato, em sua proposta de caminho de crescimento da fé. Neste processo tivemos e temos a colaboração da experiência de fé nas Comunidades Eclesiais de Base, a dinâmica da inspiração neocatecumenal para o processo de iniciação daqueles que pedem para ser cristãos ou querem aprofundar sua opção pessoal por Jesus Cristo, ou seja, os que foram batizados quando pequenos.

Por ter a família a identidade de ‘íntima comunidade de vida e de amor’ (GS 48a), seu espaço catequético permite que seja na humanidade, um dos espaços privilegiados do crescimento da fé, da esperança e da caridade, não só na Igreja, mas na humanidade. Esta dupla função do crescimento da fé (personalização e socialização) na instituição familiar constitui um valor a ser promovido em todos os tempos e ambientes missionários do mundo atual.

## APRESENTAÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma vida cristã sólida familiar, não ignorará as dificuldades próprias, decorrentes dos tempos líquidos e inconstantes, nos quais a família está inserida e vivencia, a qual não lhe seja estranha, pois, o que é estranho não conhece a realidade vivida, nem no antes, nem no agora, e assim, passa sem o compromisso com o futuro, o depois, sendo que se escoia ao passar dos dias, como jamais houve acontecido.

As conformações das famílias atuais são as mais diversificadas e distintas, e, por isso os encontros aqui contemplados e idealizados focam a instituição família, em sua essência, em seu núcleo. Em sua estrutura de desenvolvimento, são apresentadas em suas considerações iniciais, algumas situações de vida cristã na família, de forma generalizada, sem qualquer tipo de discriminação.

Antecipado no início dos encontros familiares está a, encontramos ainda a Introdução, que é apoiada no Documento de Aparecida, documento esse saudado como muito oportuno e de uma feliz inspiração, sendo considerado muito bem-vindo. O projeto dos encontros familiares conta também com as considerações finais, encerrando as apresentações.

Os encontros de aprofundamento da fé familiar, aqui propostos, contem três capítulos: o primeiro é constituído pelo anúncio, como manifestação do amor e da presença de Deus na humanidade; o segundo pelo discipulado de pessoas que atendem ao chamado de Jesus, tendo em Maria de Nazaré, e de todos nós, a sua maior e inalcançável expressão; e o terceiro como a significação e iniciação da vida cristã, de maneira concreta, visível e simbolizando a família aberta à chamada e testemunho de Cristo, e ,portanto, a seu próprio enriquecimento e melhoria integral.

## A PRÁTICA DA VIDA CRISTÃ FAMILIAR ALIMENTADA PELO MÚTUO AMOR

João Melchior Bosco, São João Bosco, nasceu no povoado Morialdo, município de Castelnuovo d'Asti, Turim, Itália<sup>1</sup>. Italiano D. Bosco era membro de família numerosa e sofria discriminação por parte dos seus irmãos, maiores e mais fortes fisicamente, e, depois, ficando órfão pela morte do pai e ocorrendo uma segunda núpcia de sua mãe, continuou a ser, mais acentuadamente, alvo de maus tratos, sendo por isso levado a morar com os seus primos, o que em nada modificou a sua situação.

D. Bosco contava sonhos que tinha ou que talvez fosse uma maneira própria para passar suas mensagens, possivelmente a exemplo de seu grande e único Mestre, e de todos nós, Jesus, contando as suas parábolas para divinamente nos mostrar o caminho e as atitudes corretas. Contou ainda, que, em sonho, tentava apaziguar alguns meninos que brigavam<sup>2</sup>, e como não conseguia fazê-lo pacificamente, lançou-se sobre eles, distribuindo-lhes socos e pontapés a fim de acalmá-los e separá-los.

Ainda se encontrava nesse afã quando lhe apareceu uma pessoa, de mansa aparência, e que afavelmente lhe dizia não ser essa a maneira correta de proceder, para apaziguar e orientar aqueles meninos, ao que D. Bosco, ainda muito nervoso, perguntou-lhe quem era ele, para ousar intrometer-se daquele jeito, entre ele e os seus contendores. A resposta a D. Bosco veio assim: “Eu sou filho Daquela que a tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia”.

Já tornado padre, D. Bosco recolhia os meninos que via perambulando pelas ruas, desorientados e abandonados ao desamparo, acolhendo-os em família, com carinho e amor, em seus oratórios<sup>3</sup>, que eram os lugares onde lhes eram oferecidos moradia aconchegante, em segurança e com asseio, contendo alimentação e leitos aquecidos, nos dias e noites frias da Itália, em concomitância com o acesso ao estudo regular e à orientação catequética cristã, pois D. Bosco tinha por ideal formar, prioritariamente, bons cristãos e assim, ótimos cidadãos.

---

<sup>1</sup> Dados de internet [www.dombosco/institucional/dom-bosco](http://www.dombosco/institucional/dom-bosco).- Inspetoria Salesiana Pio X.

<sup>2</sup> Dados de internet [www.dombosco/institucional/dom-bosco](http://www.dombosco/institucional/dom-bosco).- Inspetoria Salesiana Pio X.

<sup>3</sup> Memórias do Oratório de S. Francisco de Salles. São Paulo, Salesiana-182 p. 18-21

## TEMPOS MUITO DIFÍCEIS

Os tempos muito difíceis, tanto econômicos quanto políticos, influenciam comportamentos, criaram credices, modismos e provocaram muita desorientação e até descaminhos. Pessoas vão morar na rua. Passam a não ter um endereço próprio. As famílias são vítimas desagregadas por muitas motivações, como pelo alcoolismo, pela droga, pela infidelidade conjugal, e por muitas outras.

Nessas aterrorizantes realidades as pessoas assumem e passam a cultivar falsos ídolos, apresentados pela mídia neo-liberalista que desencaminham toda uma juventude, sendo que também as crianças são atingidas, e, ainda, por muitas vezes, até pessoas adultas, aquelas que deveriam ser o amparo a todos.

Os encontros com famílias, reunindo catequizadores, pais, mães, crianças, todos com participação efetiva, foram ocasiões inspiradoras aqui contempladas, para que a família, em todas as suas complexidades possíveis, refletisse sobre o que disse e propôs a vida cristã Palavra encarnada.

Não podemos esquecer-nos da liquidez e inconstância dos tempos em que vivemos e estamos imersos, atualmente. O kerigma é um só, e o terreno propício, a família, deve estar preparada para receber e viver o amor de Jesus Cristo. A família é reconhecida permanentemente, como *cellula mater*, a célula-mãe, é o espaço para assumir sua missão de formar os seus membros, suas crianças, seus jovens e adultos permanentemente.

Os pais, como primeiros catequizadores, são chamados permanentemente a orientar os seus filhos, acompanhando-os na catequese, na vida, na família, e lhes dando os testemunhos de Jesus Cristo com a própria vida, vivida em comunidade.

Os encontros familiares tornam-se muitas vezes, ambientes caseiros, familiares, ou seja, a família se reúne em casa. “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,18).

## CAPÍTULO I

### CONCEITOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS FAMILIARES A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

A pesquisa tem o interesse em analisar através dos documentos do Magistério, o protagonismo da família cristã na atuação do seu chamado como batizados (as) e através do sacramento do matrimônio. Tem como fundamento a real necessidade de ressaltar a importância da célula familiar para a contribuição de valores evangélicos que são sempre atuais para a construção de uma sociedade capaz de exercer prática de paz e solidariedade.

O conceito de família no Concílio Vaticano II supera o antigo conceito e modelo patriarcal de família (cf. GS 48a). A família passa a ser compreendida e valorizada como “Igreja doméstica” (GS 11b) e como “santuário íntimo da Igreja” (AA 11c).

Desde então, vários autores, em seus escritos passam a compreender, acolher e aprofundar a família como “Santuário da Vida”, como o ambiente privilegiado da vivência do amor, como o espaço do desenvolvimento integral e vital de cada pessoa que a compõe.

A família, portanto, passa a ser vista, compreendida e valorizada como um patrimônio da humanidade, onde, aos poucos, a catequese vai sendo didática e dinamicamente introduzida para o aprofundamento de ensinamentos e conteúdos catequéticos, Bíblicos e vivenciais.

Encontramos logo após o término do Concílio Vaticano II, o início de catequese realizadas em ambientes familiares, a partir, por exemplo, de leituras e reflexões bíblicas como: At 2, 1-11 e leituras das missas dominicais.

Em seguida, as pessoas convidadas, junto com as pessoas da família que abria suas portas para o ambiente catequético compartilhavam entre si, perguntas como: De que maneira foi manifestada a ação do Espírito Santo sobre os apóstolos e quais as mensagens que deste texto podemos daí extrair para a nossa vida?

Podemos hoje afirmar que a Igreja, através da catequese familiar, foi aprofundando e incentivando a função humanizadora da família (cf. GS 47a; 52a). Função humanizada à que

se dá pelo fato da família contribuir com uma dupla vertente: em seu dinamismo personalizador e no de socializador.

A família, em princípio – é o espaço humano que transmite valores que possibilita o “enriquecimento humano” (GS 52<sup>a</sup>) – realidade que configura o ser humano. Outra vertente diz respeito ao dinamismo socializador que pode ser implementado pela família. A família tem também como missão zelar pelas “exigências sociais” (GS 52). A catequese familiar, portanto, deve ser vivida como o espaço em que o Espírito Santo convoca e envia seus membros em missão pela força do Espírito de Deus.

## **DOCUMENTOS DESDE O CONCÍLIO VATICANO II ATÉ O PONTIFICADO DE BENTO XVI**

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* apresenta para as famílias cristãs o exercício do sacerdócio comum no sacramento do matrimônio onde o casal recebe a missão de comunicar aos filhos a fé cristã. O casal pelo sacramento do matrimônio é sinal de unidade e amor fecundo, mistério entre Cristo e a Igreja no qual todos fazem e participam. Chamada de Igreja doméstica, a família cristã tem a vocação de refletir Cristo no seu cotidiano e a grandeza que Ele traz à humanidade corrompida pelo egoísmo e tantos males que impedem de formarmos pessoas capazes de olhar o próximo com mais comprometimento e amor.

Ao afirmar a família como “alta escola de apostolado dos leigos” (LG 33-35), é acentuado o valor que a mesma traz para as novas gerações e como o casal cristão, atento a sua vocação pode contribuir para a sociedade através da educação dos seus filhos nos valores do reino de Deus e com um testemunho de vida que reflete a luz de Cristo

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* a segunda parte é dedicada para questões consideradas urgentes, e tem o capítulo I dedicado “A promoção da dignidade do matrimônio e da família”. Diante de tantas mudanças sobre o conceito família para a sociedade da época em que o Concílio Vaticano II aconteceu 1965, mas que ainda ocorrem, a Igreja Católica com o desejo de instruir seus fiéis e todos que dela se aproximam esclarece sobre a missão do matrimônio como sacramento e da missão assumida pelos cônjuges.

O casal cristão através do sacramento assume a abertura para vida e o compromisso de educar os seus filhos e o que os inspira para o pleno cumprimento é o “autêntico amor

conjugal” onde redescobrem sempre a unidade que lhes completa e dá forças. O testemunho é o mais eficaz anúncio do Ressuscitado, pois é diante das conquistas e das lutas da vida que a família cristã apresenta principalmente aos que se encontram ao seu redor a razão de sua esperança, Jesus Cristo.

A Carta Encíclica *Humanae Vitae* promulgada pelo Papa Paulo VI, é especificamente para as famílias e diz respeito da regulação da natalidade. Novamente, diante de uma significativa mudança no contexto mundial, onde começa a crescer a densidade populacional, inúmeras novas questões também surgem onde é necessária uma maior preparação da Igreja e de seus fiéis.

O matrimônio como sinal da união de Cristo com a Igreja apresenta as características que tocam a todo ser humano, pois é um amor fiel, fecundo, unitivo capaz de dizer que somos únicos e que temos valor porque no amor não há troca ou rejeição, mas acolhimento, integralidade e responde ao vazio existencial que muitas vezes sentimos diante das dificuldades da vida. A encíclica define o ato conjugal com significado unitivo e procriativo, ambos caminham para o crescimento do casal, mas a dimensão unitiva é a que sustenta o casal em toda a vida matrimonial e a fortaleza em momentos difíceis. O valor da castidade também deve ser bem compreendido pelos pais para que possam promover aos seus filhos a necessidade de entender que um envolvimento a nível sexual corresponde a um compromisso assumido de maneira madura e responsável por si e pelo outro que não pode ser apenas uma experiência, mas um compromisso vivido dentro do sacramento do matrimônio.

O Pontificado do Papa João Paulo II foi extenso e por isso, temos uma parte maior de documentos e também um momento importante que é o Sínodo para as Famílias que ocorreu em 1981.

A Exortação *Familiaris Consortio*, é a conclusão desse Sínodo e trata exatamente da missão da família cristã, em uma época em que se acentuavam a degradação de valores fundamentais em que a liberdade do cônjuge é compreendida de forma equivocada, o problema de autoridade entre pais e filhos, a transmissão de valores, o aumento de abortos, a esterilização e uma mentalidade contraceptiva como uma prática comum. Diante de tais mudanças que tomavam uma proporção global a Igreja se preocupa e anima seus fiéis, principalmente aqueles que receberam o sacramento do matrimônio para que possam através do Sínodo que do documento proposto, analisar e responder com propriedade e

conscientemente questões que na época eram muito novas e que emergiam como muita rapidez. É bem verdade que os Padres Sinodais destacaram na época como preocupante, o aumento do número de divórcio, a aceitação pelos batizados do matrimônio apenas de forma civil e os problemas de ordem moral.

Por isso, aponta logo no início que diante de tantas questões os esposos e pais cristãos, através do discernimento evangélico, devem contribuir na missão evangelizadora através do carisma e do dom que receberam no sacramento do matrimônio. Para tal tarefa se faz necessário à compreensão da consciência do primado de valores morais onde a pessoa humana é valorizada na sua integralidade, liberdade e dignidade. Compreendemos que tais preocupações precisam de uma especial atenção por que implicam na realização em plenitude da família e na segurança de seus direitos, sendo necessária uma real e contínua conversão daqueles que anunciam a Boa Nova de Jesus para que possam se assemelhar ao mesmo.

O matrimônio e a família cristã edificam a sociedade, pois se constituem como um lugar onde a pessoa é educada na fé da Igreja que passa pelo respeito e compreensão do próximo como um irmão (ã) no qual deve aprender a viver em comunidade. Também as famílias de casais que não podem ter filhos são chamadas a testemunhar a sua fé através do serviço, cumprindo a missão de batizados dentro do sacramento do matrimônio. Sendo assim, “na família, de fato, a pessoa humana não só é gerada e progressivamente introduzida, mediante a educação, na comunidade humana, mas, mediante a regeneração do batismo e a educação na fé, é introduzida também na família de Deus, que é a Igreja” (FC 25).

Seguimos na compreensão, que a família tem como essência e dever comunicar o amor na qual tem o seu fundamento, pois reflete o amor de Deus por toda a humanidade e o mistério de Cristo e a Igreja. Os pais cristãos têm a missão de educar seus filhos no amor para amar, porque a experiência do amor familiar é luz para o mundo. O Sínodo, portanto evidencia quatro pontos que são considerados como deveres gerais da família; a formação de uma comunidade de pessoas, o serviço à vida, a participação no desenvolvimento da sociedade, a participação na vida e na missão da Igreja.

Percebemos que surge uma nova compreensão da real necessidade do papel evangelizador da família cristã, onde no sacramento do matrimônio o casal recebe uma missão e que em tempos de mudança de paradigma se faz ainda mais necessária sua atuação consciente e permanente na formação das novas gerações e na influência que exerce na

sociedade. Também a fidelidade e a indissolubilidade matrimonial é um ponto precioso para o testemunho da fé, pois diante de inúmeras adversidades o casal se mantém unidade exercendo sempre quando necessário o perdão recíproco que restaura as relações e possibilita um recomeço.

Uma presença importante nas famílias e na sociedade é a dos anciãos, porque é um sinal de maturidade e compreensão da vida com uma sabedoria peculiar adquirida através da experiência de anos. A valiosa presença deles e do papel que exercem para a transmissão da fé e de valores para a formação da pessoa humana são de especial atenção. Ressalto também que o Sínodo destaca a urgente e importante atuação dos teólogos para tais questões que envolvem a Família e a sociedade como um todo, para que possam refletir à luz do Magistério, da Tradição da Igreja e de Fundamentos Bíblicos e contribuir na compreensão da Verdade diante de tantos conceitos contraditórios à vida e à plena realização do ser humano. Uma proposta interessante para que os pais cristãos possam realizar o cumprimento do seu chamado de educar seus filhos na fé, foi a preparação de um catecismo que pudesse ser utilizado pelas famílias no qual tenha um texto claro para uma fácil compreensão.

Os casais cristãos que recebem o dom da fecundidade não devem se restringir apenas na forma procriativa, mas também devem estar atentos àqueles que em nossos tempos sofrem com a ausência de referências paterna e materna. Jovens e crianças que se encontram na condição de órfãos, seja por consequência da morte ou falta da presença afetiva dos seus pais, devem ser alvos da atenção de famílias que podem segundo suas condições acolhê-las. Nessa fase da vida onde se encontram vulneráveis, a família cristã deve estar atenta à dimensão do chamado matrimonial que lhes pede fecundidade, um coração alargado para as necessidades urgentes e atuais. Tal atitude se assemelha a de Jesus que se compadecia dos que sofriam a dor do abandono e da exclusão social.

Daí então sua missão não se restringe apenas à educação dos filhos e um papel eclesial, mas uma atuação concreta onde o exercício da responsabilidade política é realizado de forma concreta e efetiva, partindo de uma real consciência do seu dever de atuação para diante de suas possibilidades à prática de uma mudança na sociedade.

A preparação matrimonial deve se ter início desde a infância para que dentro de casa já possa começar a se compreender como pessoa e descobrir seus dons e fragilidades e valor dos relacionamentos para que aprenda o respeito ao próximo em suas diferenças. Aos jovens, a

preparação ocorre também através do conhecimento dos sacramentos para que possam descobrir o que o sacramento implica no âmbito moral e espiritual. E principalmente para quem se aproxima da celebração matrimonial, sendo possível receber um novo conteúdo e possa realizar um bom exame pré-nupcial. Tal formação se torna urgente e de extrema necessidade para aqueles que têm alguma carência na doutrina ou na prática cristã.

A Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, destaca o amor humano e sua realização em Deus e no outro porque em si mesmo, é necessária a relação para que possa alcançar a plenitude da sua existência porque é na relação que o ser humano pode experimentar receber amor e ser amado. Mesmo não falando diretamente e exclusivamente para as famílias, o tema tratado é próprio e essencial na formação humana e por isso, para aqueles que são responsáveis de educar no amor (BENTO XVI, 2006).

Na compreensão da unidade e complemento que há entre o amor ágape e eros pois encontramos em Deus o sentido para a gratuidade que também deve haver no amor humano e principalmente na doação que exige o matrimônio e a vida familiar. O amor de Deus pela humanidade é fiel e encarnado, pois em Jesus somos chamados a colocar em prática o amor. A Igreja exerce inúmeras atividades caritativas para que a exemplo possa socorrer os pobres e mais necessidades. Todo cristão deve se assemelhar ao Mestre, por isso deve ensinar as crianças e jovens a todos os que necessitam de atenção e cuidado e assim cumprir o mandamento de “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”.

O amor é um processo no coração humano que à medida que se doa mais se completa e se realiza porque encontra sua integralidade à medida que se humaniza através das relações. No seio familiar encontramos permanentemente essa dinâmica de aceitação do outro e de nós mesmos onde aprendemos a amar e perdoar, compreendendo que o crescimento e as mudanças necessárias acontecem a cada dia. A família é essa escola do amor onde desde criança é necessário aprender com pais, irmãos, avós, tios, primos a viver em sociedade respeitando os limites que lhes são impostos. É através de experiências concretas principalmente na infância e na adolescência que irão prepará-los para serem pessoas atentas às necessidades do próximo e atender Jesus nos pequeninos que passam fome, são perseguidos, não tem o que vestir, está à margem da sociedade entorpecida pelo ter e ser esquecendo-se dos que sofrem na pobreza e muitas vezes extrema miséria em nossas cidades.

Na Exortação *Sacramentum Caritatis*, que é uma conclusão do Sínodo sobre a Eucaristia, o Papa Bento XVI se dirige às famílias esclarecendo que a Eucaristia e o Matrimônio têm uma estreita relação, pois reflete a doação de Cristo ao mundo e deve representar a doação mútua entre homem e mulher.

Na Exortação *Sacramentum Caritatis*, que é uma conclusão do Sínodo sobre a Eucaristia, o Papa Bento XVI se dirige às famílias esclarecendo que a Eucaristia e o Matrimônio têm uma estreita relação, pois reflete a doação de Cristo ao mundo e deve representar a doação mútua entre homem e mulher (BENTO XVI, 2007, p. 43-49).

Surge novamente a preocupação na formação dos noivos, para que a decisão pelo sacramento do matrimônio não seja apenas uma emoção ou a realização de um sonho, mas de fato abraçar a vocação na qual estão sendo chamados por Deus. As famílias são convidadas a partir da experiência eucarística se assemelhar ao Mestre para uma profunda entrega capaz de atingir a todos pelo amor que cura as principais “chagas” da sociedade tão fragmentada pelo egoísmo e soberba.

A pesquisa, por tanto, encerra a primeira fase no qual foi possível aprofundar nos documentos desde o Concílio Vaticano II até o Pontificado de Bento XVI para que pudéssemos compreender gradualmente o valor e a necessidade da família cristã, atuar através do sacramento do matrimônio como agente de evangelização. Faz-se urgente uma preparação consciente e eficaz para o recebimento do matrimônio e um prosseguimento desse aprofundamento do sacramento e da condição de batizados, para que as famílias sejam fortalecidas na compreensão de sua missão.

## CAPÍTULO II

### A FAMÍLIA NO DOCUMENTO DE APARECIDA

Neste capítulo iremos expor as questões relacionadas à família no *Documento de Aparecida*. Como questão metodológica, pensamos ser indispensável, primeiramente situar o contexto do surgimento do *Documento de Aparecida*. Aliás, não pretendemos esgotar a explicação deste documento, mas sim a título de exemplo mostrar como se situa a referência de estudo neste capítulo concernente às questões sobre a família, enquanto berço de vida e de fé.

A quinta Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) aconteceu em Aparecida, São Paulo, de treze a trinta e um de maio de dois mil e sete. O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, serviu de local para que os duzentos e sessenta e cinco delegados pudessem refletir e debater a realidade da evangelização da América Latina e do Caribe. Sob o manto protetor da Aparecida, a mãe de Deus, de acordo com o desejo do Papa Bento XVI, ao decidir o lugar onde a Conferência aconteceria, os trabalhos se desenvolveram com o intuito de fazer, daquele encontro, uma ocasião para a Igreja do Continente desenvolver um novo impulso missionário (HACKMANN, 2007, p. 319-336).

O tema escolhido para a Conferência foi: Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos nele tenham vida. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6).

Em Aparecida, temos uma Igreja que procura se reequilibrar. A impressão é de que o tempo das oposições está passado e se chegou a uma harmonia madura entre questões antes consideradas antagônicas, com uma abordagem serena dos problemas e desafios. Assim, convivem, por exemplo, pastorais e movimentos, CEBs e Novas Comunidades. A Igreja entendida como Sacramento não se dissocia da Igreja Missão. O resultado foi o aprofundamento da identidade da Igreja e/ou de sua autocompreensão (HACKMANN, 2007, p. 319-336).

O Documento conclusivo de Aparecida divide-se em três partes. Na perspectiva do método ver, julgar e agir. Na primeira, trata da vida atual de nossos povos. Descreve,

inicialmente, a alegria dos discípulos missionários e, depois, lança seu olhar sobre a realidade latino-americana.

A segunda parte trata da vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários em quatro capítulos: a alegria de sermos discípulos missionários para anunciar o evangelho de Jesus Cristo; a vocação dos discípulos missionários à santidade; a comunhão dos discípulos missionários na Igreja; e o caminho de formação dos discípulos missionários.

Na terceira parte apresenta a vida de Jesus Cristo para nossos povos. Entra no agir da Igreja. Apresenta quatro capítulos: a missão dos discípulos a serviço da vida plena e alguns âmbitos e prioridades a serem atingidos, promoção da dignidade humana, a vida e a cultura de nossos povos.

O objetivo da Conferência de Aparecida é dar novo impulso à evangelização. A grande exigência do documento é uma Igreja em estado permanente de missão, toda ela, inteira, em seus membros, ações e estruturas (BRIGHENTI, 2007, p.5). Também neste contexto destacamos importante na questão da pastoral familiar enquanto berço da fé, o Documento “Comunidades de Comunidades: Uma nova paróquia”. Este documento<sup>4</sup> em comunhão com a “Aparecida” traz diversas contribuições indispensáveis que fundamentam a família: o berço de fé. Neste sentido, entendemos a família enquanto berço de fé, também uma comunidade. As famílias são comunidades de comunidade tal como se propõe neste documento, quando se afirma,

A Comunidade, as comunidades, as comunidades, uma rede de comunidades, expressam a vitalidade de ser Igreja, pois expressam uma dinâmica de relações e cuidados entre os que são filhos no Filho e toda criatura. (...) A paróquia como comunidade de comunidades é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incetiva e forma os seus membros para serem agentes de evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar e centro de constante envio missionário (CNBB, 2014, p.8).

---

<sup>4</sup> CNBB. Comunidade de Comunidades: Uma nova paróquia. 52ª Assembleia Geral Aparecida-SP, 30 de abril a 9 de maio de 2014.

Voltando à fundamentação bíblica da família no DAp, são poucos os textos bíblicos que aprecem no DAp para fundamentar a realidade da família. Salientamos: (Gn 1, 31, Gn 1, 26-27; Jo 13, 1; 15,9; Ef 5, 23-33). Quando Deus criou o ser humano, o homem e a mulher, disse que “era muito bom” (Gn 1, 31 (DAp 27); “Criou Deus os seres humanos à sua imagem; à imagem de Deus os criou, homem e mulher os criou. Homem e mulher se buscam um no outro em sua reciprocidade e complementaridade” (cf. Gn 1, 26-27; Dap 116; 523).

Referindo-se ao matrimônio afirma o documento: “o amor humano encontra sua plenitude quando participa do amor divino, do amor de Jesus que se entrega solidariamente por nós em seu amor pleno até ao fim” (cf. Jo 13, 1; 15, 9). O amor conjugal é assumido no Sacramento do Matrimônio para significar a união de Cristo com a Igreja. Por isso, na graça de Jesus de Cristo, encontra sua purificação, alimento e plenitude (cf. Ef 5, 23-33; Dap 117).

O documento aborda a situação particular das crianças e das mulheres, ressaltando o modo como Jesus acolhia as crianças e as apresenta como modelo para entrar no Reino de Deus: Mc 10,13-16; Mt 19, 14; MT 18, 3 (Dap 438). Em uma citação apresenta simultaneamente a criança e os anciãos, ou seja, a apresentação de Jesus no templo na presença de Simeão e Ana (cf. Lc 2, 22-38; Dap 447).

Em relação às mulheres, Jesus as curou (cf. Mc 5, 25-34; Dap 451); elas faziam parte do grupo dos discípulos que seguiam Jesus (cf. Lc 8, 1-3; Dap 451) Jesus perdoa e liberta a mulher pecadora, que unge seus pés (cf. Lc 7, 36-49(Dap 135; Dap 353; Dap 451), tem misericórdia para com as pecadoras, não condena a mulher adúltera, antes reivindica a dignidade dela (Jo 8, 1-11; Dap 135. 451). Jesus quebra barreiras de gênero e étnicas falando e dignificando a samaritana (cf. Jo 4, 1-27; Dap 135; 353; 451). Finalmente, Jesus as escolheu como primeiras testemunhas da ressurreição (Mt 28, 9-10; Dap 451).

Jesus, no início de seu ministério, escolhe os doze para viver em comunhão com Ele (cf. Mc 3, 14). Eles serão reconhecidos pelo amor que tiverem uns pelos outros (Jo 13, 35; Jo 15, 12; Dap 368; 138), pois é o amor que congrega (1 Jo 3, 14; Dap 253; 1 Jo 3, 14; Dap 358). Eles são chamados a viver na comunhão do Espírito Santo (1 Cor 13, 13; Dap 155) pois são membros do mesmo corpo, unidos à cabeça (1 Cor 10, 17; CI 3, 12-14; Dap 158; 161) e devem cuidar uns dos outros (1Cor 13, Dap 161) e colocar à disposição uns dos outros a diversidade de carismas, ministérios e serviços para que circule a caridade (1Cor 12, 4-12; Dap 162). O modelo das comunidades de hoje e inspiração para a renovação comunitária

(369) são as primeiras comunidades cristãs apresentadas em Atos dos Apóstolos (At 2, 42-47; Dap 158; 178; 545; 550).

## **A VOCAÇÃO DA FAMÍLIA NA SOCIEDADE E NA IGREJA**

Em se tratando sobre as questões relacionadas à família atualmente tornou-se, aliás, uma questão não fácil. A família antiga segundo Idígoras (1983), anterior à época burguesa, era uma família ampla, na qual se congregavam diversos núcleos familiares e onde o trabalho e a produção dos bens se faziam em termos relativamente autossuficientes. Como por exemplo, nas famílias africanas, conhecida como “família alargada”, em que os membros do grupo familiar são numerosos e que vivem em um ambiente mais amplos de solidariedade. Atualmente, a forma nuclear de família ficou reduzida aos pais e filhos, devido as influências e as imposições burguesas (IDIGORAS, 1983, p.151). Por isso, o Documento de Aparecida além do que mais, vem para resgatar os valores e a criação de uma mística para valorizar mais uma vez a família. Nesta mesma linha de orientação, a Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia (AL)*, vem insinuar um jeito novo de falar sobre as coisas antigas, assim como um novo olhar da realidade sobre família que pode gerar nova prática (DIAS, 2016, p.7-8).

Em meio a tantos desafios que atingem a família, a sociedade, a Igreja, os homens e as mulheres de boa vontade na Igreja não se cansam de destacar sua importância singular como Igreja doméstica, comunidade privilegiada, primeira escola da fé (CIC 2204). A Igreja crê que “nossas famílias têm sua origem, seu modelo perfeito, sua motivação mais bela e seu último destino na comunhão de amor das três Pessoas divinas” (DAP 434).

A Conferência de Aparecida dedicou especial atenção à família, e afirma que ela é “um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos e caribenhos e é patrimônio da humanidade inteira” (DAP 432), propondo que “se deva assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja” (DAP 435).

Desde suas origens, o núcleo da Igreja era em geral constituído por aqueles que, com toda a sua casa, se tornavam cristãos (CIC 1655). Quando as pessoas se convertiam, desejavam também que toda a sua casa fosse salva. A percepção desse chamado de Deus à

família interpelava profundamente a vivência eclesial, porque, congregada no amor da comunidade cristã, a família tornava-se reduto de vida cristã num mundo a ser evangelizado.

A família cristã é, na verdade, a primeira e mais básica comunidade de fé (DAp 204). Por isso, ao se referir sobre os lugares da formação para os discípulos missionários, o documento de Aparecida aponta a família como primeira escola da fé. Dela recebemos a vida que é a primeira experiência do amor e da fé.

A família, pequena Igreja, deve ser, junto com a Paróquia, o primeiro lugar para a iniciação cristã das crianças (DAp 302). Os pais devem respeitar e favorecer a vocação de seus filhos e contribuir decisivamente para que a articulação entre a família e a comunidade se dê de modo a edificar a “família de Deus”. As paróquias, por sua vez, devem se aparelhar a partir da Catequese e da “Pastoral Familiar intensa e vigorosa para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados” (DAp 435).

A partir dos ensinamentos da Igreja é preciso convencer-se do ensinamento fundamental: a primeira vocação do cristão é a de seguir Jesus Cristo (Mt 16,25). Assim, tornar-se discípulo missionário de Jesus Cristo é aceitar o convite de pertencer à família de Deus, de viver conforme a sua maneira de viver: “Aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,50).

Nesta ocasião em que se propaga uma cultura do provisório (ou do descartável), do relativo, do não comprometimento, do apenas ‘curtir’, o Papa Francisco nos tem dito que Deus chama para escolhas definitivas. Deus tem um projeto para cada um. Descobri-lo e responder à própria vocação é caminhar para a própria realização. A todos Deus chama à santidade, a viver a sua vida feliz. Alguns são chamados a se santificar constituindo uma família através do sacramento do Matrimônio. A família é célula que nasce do amor de um homem e de uma mulher, em caráter indissolúvel, aberto à vida, promovendo a dignidade da pessoa humana, o sacramento do matrimônio e a inviolabilidade da vida e da família.

O Documento de Aparecida nos fala da importância de valorizar a família e de defender seus direitos neste tempo de tantas mudanças<sup>5</sup>. A família não é mera instituição

---

<sup>5</sup> Sobre a importância da família disse o Papa Francisco em entrevista à Radio da Arquidiocese do Rio de Janeiro: (...) “a família é importante para a evangelização do mundo. A família é importante para a sobrevivência da humanidade. Se não existe família, a sobrevivência cultural da humanidade corre perigo. É a base, nos apeteça ou não: a família”. In Palavras do Papa Francisco, p.110.

natural; antes, faz parte do projeto Criador (cf. Gn 1,27), de modo que “pertence à natureza humana que o homem e a mulher busquem um no outro sua reciprocidade e complementariedade” (n.116). É na família que a pessoa “descobre os motivos e o caminho para pertencer à família de Deus” (n.118). A família nunca cairá de moda. Onde existem o amor e a fidelidade, nasce e perdura a verdadeira liberdade.

A Família é um dos tesouros mais importantes e é patrimônio da humanidade inteira, mesmo que em nossos países, parte importante da população esteja afetada por difíceis condições de vida que ameaçam diretamente a instituição familiar (DAp 302). Como discípulos missionários de Jesus Cristo, somos chamados a trabalhar para que tal situação seja transformada e a família assume seu ser e sua missão no âmbito da sociedade e da Igreja.

O que é a família? Para além dos seus problemas prementes e das suas necessidades decisivas, a família é um “centro de amor”, onde reina a lei do respeito e da comunhão, capaz de resistir ao ímpeto da manipulação e da dominação por parte dos “centros de poder” orquestrado pelo ethos do capitalismo. No centro da família, a pessoa integra-se com naturalidade e harmonia num grupo humano, superando a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. No seio da família, ninguém é posto de lado: nela encontram acolhimento tanto o idoso quanto a criança. A cultura do encontro e do diálogo, a abertura à solidariedade e à transcendência encontram nela a sua origem.

Dada a importância da família para a sociedade e para a Igreja, ela deve ser um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora da Igreja (DAp 435). Daí, a importância da pastoral familiar que tem como tarefas essenciais: proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida, e defender e promover os direitos das famílias. É dever dos governos e da sociedade em geral, promover políticas e leis a favor da vida, do matrimônio e da família.

O Documento de Aparecida destaca a responsabilidade do homem e pai de família. Ele é convidado a formar uma família e ser nela discípulo missionário. Na América Latina e no Caribe, muitos homens vivem à margem da Igreja e influenciados por propostas de vida desumanizadoras. São tentados a ceder à violência, infidelidade, abuso de poder, dependências de drogas, alcoolismo, machismo, corrupção e abandono de seu papel de pais. Por outro lado, muitos não são compreendidos, acolhidos e valorizados em suas famílias. É

necessário dar uma atenção especial ao pai de família na pastoral familiar, com uma reflexão sobre a vocação do homem no matrimônio, na família, na Igreja e na sociedade.

Frente às ameaças à vida: ataques à vida intrauterina, mortalidade infantil, violência contra crianças, jovens, homens e mulheres, deterioração dos serviços de saúde, a Igreja sublinha a importância da luta pela vida e pela integridade da pessoa humana. A defesa fundamental da dignidade e desses valores começa na família (DAp 468).

## **A FAMÍLIA: TESTEMUNHA MISTAGÓGICA DA MISSIONARIEDADE**

À Mistagogia caberá, portanto, permitir que a família e suas realidades tão peculiares possam sentir-se capazes de identificar e viver o elemento básico do querigma: o encantamento por Jesus Cristo. A família será agente evangelizador mistagogo quando entender que “a finalidade da iniciação deve ser uma só: que a pessoa alcance a plena maturidade em Cristo e forme sua identidade cristã” (DAp 229).

O processo de maturação da fé é contínuo, inicia já na pregação e anúncio de Jesus Cristo e acompanha a vida do batizado até seu instante final. Desta forma, “a palavra mistagogia, num sentido mais amplo, significa também iniciação, introdução ao caminho que liga ao mundo invisível, àquilo que está escondido, que se faz no silêncio, no interior de cada ser humano”<sup>6</sup>.

A resposta ao contexto de “mudança de época” está na família mistagoga, aquela que permite o mergulho no Mistério Pascal, dando sinais de vida e de ressurreição diários. Como parte integrante da mistagogia faz parte a transmissão da fé no seio familiar, é o que indica o Documento de Aparecida (n.229):

Desse modo, a formação dos filhos como discípulos de Jesus Cristo se realiza nas experiências da vida diária na própria família. Os filhos têm o direito de poder contar com o pai e a mãe para que cuidem deles e os acompanhem até a plenitude de vida.

Ao falar sobre a experiência mistagógica, o Papa Francisco provoca da seguinte maneira:

---

<sup>6</sup> VIII SULÃO DE CATEQUESE. *Mistagogia: novo caminho formativo de catequistas. Encontramos o Senhor! Vem e vê!* São José do Rio Preto, 2011, p.22.

É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais, incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas tornaram-se particularmente atraente para os outros (EV 167).

As modalidades e atividades para a inserção do discípulo missionário de Jesus estão no seio da comunidade viva e atuante. A conversão pastoral, apontada nos tempos de “mudança de época”, exige conversão do modelo pastoral de modo a acolher novos integrantes nos grupos de pastoral e de serviço das comunidades. Neste contexto, a prioridade pastoral dada à família assume um caráter urgente de aceitação, acolhida e entendimento dos seus problemas, frente à diversidade de configurações familiares do mundo contemporâneo.

Segundo Paiva (2014, p.125):

A ideia de uma fé transmitida de pais para filhos, por tradição e costumes dos mais vividos, é algo cada vez menos contestável. Hoje, as novas adesões a Jesus e ao seu projeto vêm, quase sempre, por encantamento pelo testemunho dos cristãos comprometidos e pela simpatia e amizade dos evangelizadores e das comunidades, que são canais bem sensíveis à presença de Deus. Alguns chegam a falar em “contágio”, de uma fé contagiante.

A fé transmitida, para ser fortalecida, pede o compromisso comunitário como sinal concreto. O mistério divino torna-se conhecido pelo modo como atuam os membros da comunidade confessante. Dessa forma, “precisamos ser iniciados no mistério não só com palavras, mas principalmente através da celebração litúrgica, com seus símbolos, ritos, sinais e gestos”<sup>7</sup>. Em tempos de linguagens e sinais tão confusos e dispersos, o Mistério a ser testemunhado torna-se visível por meio das famílias que comparecem unidas e, oxalá completas, nos momentos de celebração da comunidade.

---

<sup>7</sup> VIII SULÃO DE CATEQUESE. *Mistagogia: novo caminho formativo de catequistas. Encontramos o Senhor! Vem e vê!* São José do Rio Preto, 2011, p.22.

## A FAMÍLIA E SEUS DESAFIOS EM SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

A XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, antecipada pela III Assembleia Geral Extraordinária, ocorrida em 2014, se propôs a redescobrir e valorizar “a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, levando em conta a mudança histórico-cultural e seu impacto na imagem tradicional da família. “Cada vez são mais numerosas as uniões consensuais livres, os divórcios e os abortos” (SD 216). Após duas décadas da Conferência de Santo Domingo, que refletiu sobre a Nova Evangelização inserida na cultura, a realidade da família se apresenta carente de apoio e acolhida.

Deus ama nossas famílias, apesar de tantas feridas e divisões. A presença invocada de Cristo através da oração em família nos ajuda a superar os problemas, a curar as feridas, e abre caminhos de esperança. Muitos vazios do lar podem ser atenuados através de serviços prestados pela comunidade eclesial, família de famílias (DAp 119).

O amor de Deus é o centro de integração e formação da família, é ele mesmo o núcleo do anúncio de Jesus Cristo. O desafio da conversão pastoral, e antes ainda, dos agentes de pastoral, será a atitude de verdadeira conversão diante das inúmeras configurações familiares do mundo contemporâneo. Em todas elas o Verbo de Deus quer encarnar-se.

A III Semana Latino-Americana de Catequese ensina que,

A família, apesar das imensas dificuldades que a perturbam é, sem dúvida, um lugar testemunhal, catequético, celebrativo e missionário. Ela é chamada a oferecer a seus membros, especialmente às crianças e jovens, valores humanísticos e evangélicos fundamentais e um sentido cristão da vida (...)<sup>8</sup>.

O Diretório Nacional de Catequese (DNC) (2005, n.240) indica o seguinte para a ação pastoral com e para as famílias:

A vida familiar é como um horizonte que dá direção ao nosso caminhar. As possibilidades e as situações concretas de cada grupo familiar variam muito. A comunidade eclesial, vivendo ela mesma um clima fraterno de família, poderá servir de apoio e espaço de ajuda para enfrentar problemas que surgem nas famílias ou qualquer tipo de desamparo ou solidão.

O evangelizador mistagogo e a família mistagoga serão sinais de unidade quando, “quer pela meditação do Evangelho e pela participação da Eucaristia, quer pela prática da

<sup>8</sup> III SEMANA LATINO-AMERICANA DE CATEQUESE. *A caminho de um novo paradigma para a catequese*. 2006, N. 64, p. 34

caridade”<sup>9</sup>, serão “sal” e “luz” para as diferentes configurações familiares, contudo, sem omitir a cada uma delas a mensagem nuclear do querigma.

## **PROPOSTAS PARA A PASTORAL DA FAMÍLIA NO DOCUMENTO DE APARECIDA**

O documento de Aparecida apresenta várias propostas para a pastoral familiar e trata em particular os vários membros da família: crianças (438-441), os adolescentes e os jovens (442-446); os idosos (447-450); as mulheres (451-458), o homem e pai de família (459-463), a defesa e a promoção da vida (464-469) e o cuidado com o meio ambiente (470-475). Dessas propostas, destaco atenção dada às pessoas em situação difícil: mães adolescentes e solteiras, viúvas e viúvos, pessoas de terceira idade, crianças órfãs e abandonadas, os lares incompletos, os dependentes químicos e todos os excluídos de suas famílias.

## **A FAMÍLIA E A CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES**

Aparecida retoma os ensinamentos da Igreja sobre família que assenta sobre o matrimônio e reafirma o seu papel essencial na Igreja e na sociedade. Apresenta também diversas comunidades, que expressam a diversidade humana, social e eclesial do Continente.

## **A FAMÍLIA ESCOLA DE FÉ**

O Documento de Aparecida, no item lugares de evangelização, assim se refere quanto à família:

- A família, “patrimônio da humanidade”, constitui um dos tesouros mais valiosos dos povos latinoamericanos. Ela tem sido e é o lugar e escola de comunhão, fonte de valores humanos e cívicos, lar no qual a vida humana nasce e se acolhe generosa e responsabilmente (n.302).

---

<sup>9</sup> RITUAL da Iniciação Cristã de Adultos. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011, n.36, p.26.

- Para que a família seja "escola de fé" e possa ajudar os pais a serem os primeiros catequistas de seus filhos, a pastoral familiar deve oferecer espaços de formação, materiais catequéticos, momentos celebrativos, que lhes permitam cumprir sua missão educativa.
- A família é chamada a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã. A família, pequena Igreja, deve ser, junto com a Paróquia, o primeiro lugar para a iniciação cristã das crianças (n.172). Ela oferece aos filhos um sentido cristão de existência e os acompanha na elaboração de seu projeto de vida, como discípulos missionários.
- É, além disso, um dever dos pais, através especialmente de seu exemplo de vida, a educação dos filhos para o amor com dom de si mesmos e a ajuda que eles precisam para descobrir sua vocação de serviço, seja na vida laica como na vida consagrada (n.303).

Deste modo, opera-se a formação dos filhos como discípulos de Jesus Cristo, nas experiências da vida diária na família cristã. Os filhos têm o direito de poder contar com o pai e a mãe para que cuidem deles e os acompanhem até a plenitude de vida.

A “catequese familiar”, implementada de diversas maneiras, tem-se revelado como uma ajuda eficiente à unidade das famílias, oferecendo, além disso, uma possibilidade eficiente de formar os pais de família, os jovens e as crianças, para que sejam testemunhas firmes da fé em suas respectivas comunidades.

## **CONSIDERAÇÕES DO SEGUNDO CAPÍTULO**

O Documento de Aparecida indica que ninguém nega que a qualidade da vida humana não é nem de longe como deveria ser principalmente se levarmos em conta o empenho de Deus. Mas os sujeitos ainda não aprenderam a viver e paga um preço muito alto por este motivo. Famílias ausentes, desestruturadas, desligadas, mal construídas estão cada dia mais presentes em nosso meio. Pouco caso, políticas erradas, interesses estranhos têm atingido nossas famílias provocando abalos sensíveis em suas estruturas.

A preocupação com a situação e o futuro, ou seja, com o “aqui e agora” da instituição familiar é grande e tem sido alvo de manifestações por parte da Igreja. A família é tema de inúmeros documentos, homilias, entrevistas, jornadas, congressos. Ao longo da história o assunto família ganhou a atenção e o carinho dos nossos Papas.

Se compreendêssemos o quanto dependemos da família, como pessoa, como comunidade, como sociedade, poderíamos dizer que a Vida depende da família, para que floresça com saúde: física, psicológica, moral, social e espiritual, etc.

Infelizmente, a família deveria ser tratada com dignidade, respeito e atenção, e não sofrer ataques, maus tratos e o desprezo por parte da sociedade, das autoridades e governantes.

O mundo vive em constante mudança, infelizmente, nem sempre para melhor. A miséria e a fome ameaçam brutalmente as famílias, comprometendo sua vida natural, moral, social e religiosa. É muito grande o número de pessoas que não gozam de um ambiente familiar bem constituído.

Acabarão “morrendo de fome”: de alimento, saúde, educação, trabalho, carinho, afeto, respeito, justiça ou “por maus tratos”: violência interna e externa, exploração, abusos, prostituição, drogas. Através da mensageira, podemos concluir que o fato de que, cada vez mais, os meios de comunicação roubam nossa atenção, manipulam ideias, opiniões e conceitos, ditam modas e costumes; se armam de “imagens atrativas e cheias de fantasias”, assumindo papéis delicados de babá, conselheira, educadora e formadora de opinião e da própria consciência. O que vemos é, na verdade, um bombardeio de informações que pouco representa para melhorar a vida pessoal ou social do homem.

O Documento de Aparecida lembra que o Papa Bento XVI:

Só quem reconhece à Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano”. No entanto, “a sociedade que coordena suas atividades só mediante múltiplas informações, acredita que pode agir de fato como se Deus não existisse. Mas a eficácia dos procedimentos conseguida mediante a informação, ainda que com as tecnologias mais desenvolvidas, não consegue satisfazer o desejo de dignidade inscrita no mais profundo da vocação humana (n. 42).

O amor de Deus é incondicional para com os seus filhos, que receberam a adoção pelo batismo, e convida a todos a ouvir o Anúncio da Sua Palavra, o Kerigma. Deus é o Pai misericordioso, sempre disposto a perdoar todas as nossas faltas. Jesus veio e trouxe a sua

salvação a todos, preparada aos que creem, desde antes do início dos tempos. O Espírito Santo, Amor do Pai pelo Filho, ilumina a todos ao comunicar os mistérios sagrados. É o querigma, para uma vida renovada e comprometida com o futuro das crianças hoje, e posteriormente, jovem, na prática do que lhes foi anunciado. São as sementes que germinaram, frutificaram e foram multiplicadas nas comunidades e na sociedade.

## CAPÍTULO III

### A FAMÍLIA NA FAMILIARIS CONSORTIO

*A íntima conexão entre a família e a sociedade, assim como exige a abertura e a participação da família na sociedade e no seu desenvolvimento, impõe também à sociedade que não abandone o seu dever fundamental de respeitar e promover a família.*

**(Familiaris Consortio, 1989, p. 65).**

#### NOTAS INTRODUTÓRIAS

Vivendo num tempo de pluralismo pastoral e de crise do processo de transmissão da fé, refletir teologicamente sobre as relações entre a pastoral catequética e a família é estimulante e desafiador, ainda que não seja tarefa fácil. O tema da família tem despertado grande interesse na atualidade, tanto no âmbito dogmático, como pastoral, recebendo um ulterior estímulo após a convocação do Sínodo da Família, pelo Papa Francisco.

Tal interesse pelo estudo acerca das temáticas familiares, na atualidade, na verdade, revela-nos a complexidade deste tema. A família é um tema complexo porque difícil de ser compreendida, principalmente na multiplicidade de fatores que em nossos dias, circundam-na.

Podemos com certeza afirmar, que ela sofre importantes mutações contemporâneas, assim como as diversas figuras que a constituem. Por esta razão, não é raro encontrarmos expressões familiares fragilizadas onde se manifesta a crise da paternidade/maternidade e a ruptura parcial ou total do processo de transmissão da fé (TOMMASI, 2011, p. 11-17).

Torna-se, assim, a família um “lugar” de contrastes e de tensões. Um espaço paradoxal, pois, ao mesmo tempo, ela aparece, ainda, como uma importante fonte de construção da identidade de fé de crianças, adolescentes e jovens.

Esta complexidade é, também, a força da família contemporânea. Pois, ela está aprendendo, mais ou menos, a mover-se dentro das mutações culturais e sociais de nossos dias. Permanecendo, apesar das e com as suas mutações internas, como um lugar de

transmissão da fé para muitas crianças, adolescentes e jovens (ao menos se comparada com outras instituições que perderam a força e a confiança dos indivíduos). A partir desta constatação e base é que a questão catequética pode ser pensada.

Após o Sínodo sobre a família de 1980, João Paulo II assim se expressava:

Consciente de que o matrimônio e a família constituem um dos bens mais preciosos da humanidade, a Igreja quer fazer chegar a sua voz e oferecer a sua ajuda a quem, conhecendo o valor do matrimônio e da família, procura vive-lo fielmente, a quem, certo e ansioso, anda à procura da verdade e a quem está impedido de viver livremente o próprio projeto familiar. Sustentando os primeiros, iluminando os segundos e ajudando os outros, a Igreja oferece o seu serviço a cada homem interessado nos caminhos do matrimônio e da família (FC 1).

Esta perspectiva da Exortação Apostólica põe as bases para compreendermos como a Igreja é chamada a contribuir, apoiar, iluminar e assegurar que as famílias sejam lugar de transmissão da fé. Contudo, precisamos nos interrogar de que modo tal convicção, ancorada na Tradição bíblico-eclesial (FC 11-16), realiza-se neste novo contexto onde a transmissão da fé cristã é uma opção dentre tantas outras.

Desde o Concílio de Trento:

Pensava-se que os cristãos adultos e os núcleos familiares estavam realizando a transmissão da fé cristã às novas gerações. Talvez, o que o Pós-Concílio [Vaticano II] nos fez perceber é que tal transmissão não estava acontecendo e o resultado inevitável é a constatação de que não crescemos, mas diminuímos (MORAES, 2014, p. 33).

Uma vez que o grupo familiar possui uma nova configuração, é preciso nos interrogar como se configura a articulação entre catequese e família, em nossos dias. Para tanto, a presente reflexão propõe fazer uma leitura *kairológica* que, partindo dos valores e problemáticas familiares contemporâneas e de duas convicções basilares magisteriais (família educadora e transmissora da fé), apontará na direção de uma catequese para e com a família que a valorize e a constitua como “lugar primeiro” da transmissão da fé. Uma fé de caráter mais testemunhal do que intelectual.

## VALORES E PROBLEMAS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA EM PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

Entre os tantos fatores que deram origem à família contemporânea, acreditamos que a transformação da organização do trabalho fez surgir uma concepção da família mais como unidade de consumo do que como unidade de produção.

Tal mudança estrutural provocou uma transformação nas relações familiares, modificando a modalidade de relações entre os cônjuges e entre os pais e os filhos. Na verdade, o que se verificou foi uma interação contínua entre estas duas relações que nos conduz a uma modificação do nível de dedicação de tempo, energias, recursos materiais e imateriais aos filhos, por parte dos pais. Fazendo crescer, em muitos pais, o sentimento de responsabilidade como pais e a disponibilidade em manifestar ternura e afeto para com sua prole.

Tendencialmente, os filhos não são mais tratados como “coisas”, mas como sujeitos que devem ser acompanhados pelos pais ao longo do complexo processo formativo, não contando mais diferenciações e prejuízos ligados ao sexo (macho ou fêmea) ou à ordem de nascimento (primogênito e demais filhos).

Do ponto de vista ritual-social, o matrimônio é vivido como momento de início da vida conjugal-familiar (mas não sexual). Contudo, fragilizadas estão, principalmente, as noções de fidelidade e fecundidade (em sentido quantitativo) e supervalorizada a noção de felicidade. Prova disso: o crescente número de separações civis (e o conseqüente aumento das solicitações canônicas de declaração de nulidade) e a baixa taxa de natalidade em muitos países do mundo todo.

Paradoxalmente, a fecundidade (em sentido qualitativo) cresce, fazendo-nos notar um desejo intenso por filhos em muitos casais ou, até mesmo, num único indivíduo (paternidade/maternidade “independente”).

Podemos falar, também, de certo *puerocentrismo* que, contudo, é “narcisista”, isto é, de projeção dos próprios desejos e expectativas com conseqüente investimentos afetivos de tipo compensatório e não tanto de tipo oblativo. Um *puerocentrismo* diverso daquele evangélico, onde a criança representa o modelo do discipulado cristão, no sentido, de que o Reino de Deus pertence àqueles que, de “mãos vazias”, encontram-se na expectativa de

receber atenção e ajuda, sem poder dar nada em troca (cf. Mc 9,31-37; Mt 18,1-4; Lc 9,46-48). E, ao mesmo tempo, diverso daquele da tradição pedagógica hebraico-cristã, que tende à promoção e à plena realização da personalidade do filho/discípulo.

Tal puerocentrismo narcisista faz com que muitos grupos familiares experimentem, na verdade, um *adultocentrismo*, onde, o que impera é a excessiva preocupação consigo mesmo e conseqüente supressão da fundamental conotação do adulto enquanto tal, isto é, em suas funções educativas de “geração”, “cuidado” a serviço da produtividade e criatividade das novas gerações.

Assim, decresce a “diferença de estágio” dos filhos, em contraste com uma das funções fundamentais do educador que é aquele de ser o “custódio da idade”, impedindo que, através de diversos elementos culturais, uma fase se degrade até ser completamente eclipsada pela sucessiva.

Tal decréscimo acentua o fato de que a criança tende a não confiar na autoridade dos pais (e demais educadores), mas naquela da cultura midiática (controlada por adultos) que, muitas vezes, não tem preocupações educativas e sim de consumo.

Por fim, podemos dizer que os grupos familiares contemporâneos estão cada vez mais caracterizados por modelos de organização que custodiam os direitos dos adultos. Boa parte dos modelos de organização familiar é constituída por “famílias mistas”, formadas por precedentes experiências familiares e, cada vez mais, baseadas sobre o direito individual dos esposos. Exigindo dos filhos um esforço de adaptação e de compreensão, em muitas situações, superior às características de desenvolvimento e de capacidades emotivas dos filhos.

## **CONVICÇÕES DOUTRINAIS: FAMÍLIA ESPAÇO EDUCATIVO E DE TRANSMISSÃO DA FÉ**

A Igreja sempre reconheceu o caráter ministerial dos pais no interior da família, contudo, uma das grandes contribuições do Magistério, a partir do Vaticano II, foi explicitar e reconhecer amplamente esta tarefa ministerial (cf. LG 7.32.33; AG 15.21; AA 3.6.10). Os pais contribuem de forma especial com a missão maternal da Igreja (cf. LG 11.41).

Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, destacando a função evangelizadora da família, afirma:

Em cada família cristã, deveriam encontrar-se os diversos aspectos da Igreja inteira. Por outras palavras, a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia. No seio de uma família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados (EN 71).

De uma forma ainda mais clara, a *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae* trata da importância da ação catequética da família:

A ação catequética da família tem um caráter particular e, em certo sentido, insubstituível [...]. A catequese familiar, portanto, precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese. [...] Para os pais cristãos nunca serão demais os esforços que fizerem, a fim de se prepararem para este ministério de catequistas dos seus próprios filhos e para o exercerem com um zelo infatigável (CT 68).

Contudo, é a *Exortação Apostólica Familiaris Consortio* quem desenvolve melhor esta dimensão catequética-ministerial da família:

Um momento fundamental [...] é constituído pelo intercâmbio educativo entre pais e Filhos, no qual cada um deles dá e recebe. [...] Os Filhos dão o seu contributo específico e insubstituível para a edificação de uma família autenticamente humana e cristã. Isso ser-lhes-á facilitado se os pais exercerem a sua autoridade irrenunciável como um “ministério” verdadeiro e pessoal, ou seja, com um serviço ordenado ao bem humano e cristão dos filhos, ordenado particularmente a proporcionar- -lhes uma liberdade verdadeiramente responsável; e se os pais mantiverem viva a consciência do “dom” que recebem continuamente dos filhos (FC 21).

Para João Paulo II, a ministerialidade catequética familiar realiza-se de modo direto pelos pais e, de modo indireto, pelos filhos (e demais membros da família), uma vez que cada um recebeu seu próprio dom e todos os põem a serviço dos demais, num movimento recíproco de intercâmbio edificador da comunhão interna que expressa a comunhão eclesial.

Seguindo estas linhas mestras, a Exortação desenvolve duas convicções fundamentais: 1) que a família é espaço educativo e 2) que a família é espaço de transmissão da fé.

Assim, desenvolvendo a riqueza doutrinal que a precedeu, a *Familiaris Consortio* compreende a família não como centro de consumo ou ponto de referência meramente afetivo, mas principalmente como espaço educativo, com capacidade de orientação pedagógica para os filhos e para os próprios cônjuges. Para tanto, é preciso que os adultos aceitem suas responsabilidades e realizem uma consistente comunicação intra-familiar:

O dever de educar mergulha as raízes na vocação primordial dos cônjuges à participação na obra criadora de Deus: gerando no amor e por amor uma nova pessoa, que traz em si a vocação ao crescimento e ao desenvolvimento, os pais assumem por isso mesmo o dever de ajudar eficazmente a viver uma vida plenamente humana (FC 36).

Assim, o Magistério crê que a família permanece substancialmente como um espaço privilegiado de comunicação interpessoal autêntica. Ela não se limita refletir os conflitos sócio-culturais, mas configura-se como um lugar de ternura. As tensões, disputas, lamentações são contra-balanceadas pela experiência do amor e com as possibilidades reais de que os membros cheguem a positivas soluções:

Os pais devem, com confiança e coragem, formar os filhos para os valores essenciais da vida humana. Os filhos devem crescer com justa liberdade diante dos bens materiais, adotando um estilo de vida simples e austero, convencidos de que o “homem vale mais pelo que é do que pelo que tem”. Numa sociedade agitada e desagregada por tensões e conflitos em razão do violento choque entre os diversos individualismos e egoísmos, os filhos devem enriquecer-se não só do sentido da verdadeira justiça que, por si só conduz ao respeito pela dignidade pessoal de cada um, mas também e, ainda mais, do sentido do verdadeiro amor, como solicitude sincera e serviço desinteressado para com os outros, em particular os mais pobres e necessitados (FC 37).

A visão da Exortação Apostólica não defende o tradicional modelo da família como plataforma de lançamento do sucesso dos filhos, baseada numa pedagogia educacional familiar preocupada com o que “fazer” dos filhos, mas sim, sobre uma nova qualidade da vida e da relação interpessoal:

A família é a primeira e fundamental escola de sociabilidade: enquanto comunidade de amor, ela encontra no dom de si a lei que a guia e a faz crescer. O dom de si, que inspira o amor mútuo dos cônjuges, deve pôr-se como modelo e norma daquele que deve ser atuado nas relações entre irmãos e irmãs e entre as diversas gerações que convivem na família. E a comunhão e a participação quotidianamente vividas na casa, nos momentos de alegria e de dificuldade, representam a mais concreta e eficaz pedagogia para a inserção ativa, responsável e fecunda dos filhos no mais amplo horizonte da sociedade (FC 37).

Assim, o primeiro pressuposto para fazer da família um espaço educativo é a capacidade de dar vida a relações efetivas de diálogo, de reciprocidade plena, onde se experimenta o bem do outro e não se usa contra o outro o que foi por ele partilhado.

Sustenta, portanto, a *Familiaris Consortio* que na família, mais que em outras formas de convivência social, podem harmonizar-se dialeticamente a liberdade e a responsabilidade, a autonomia e a solidariedade, o cuidado pelos indivíduos e a busca do bem comum, a fidelidade aos projetos e a disponibilidade aos imprevistos, a solicitude e a descrição, a equilibrada agressividade e a capacidade de perdão, a disponibilidade à comunicação e a escuta respeitosa, a paciência construtiva e a impaciência de quem não desiste diante das dificuldades.

Todas estas experiências familiares preparam para a vida social e política, nas suas duas dimensões fundamentais de transformação das relações de força em relações regulamentadas pelo “direito” e de co-participação nos problemas e nas responsabilidades da convivência humana, em nome da solidariedade:

As famílias [...] podem e devem, portanto, dedicar-se a várias obras de serviço social, especialmente em prol dos pobres, e de qualquer modo de todas aquelas pessoas e situações que a organização previdencial e assistencial das autoridades públicas não conseguem atingir. [...] O dever social das famílias é chamado ainda a exprimir-se sob forma de intervenção política: as famílias devem com prioridade diligenciar para que as leis e as instituições do Estado não só não ofendam, mas sustentem e defendam positivamente os seus direitos e deveres. Em tal sentido as famílias devem crescer na consciência de serem “protagonistas” da chamada “política familiar” e assumir a responsabilidade de transformar a sociedade (FC 44).

Além de espaço educativo em geral, a família, pela tradição magisterial, é entendida também com uma função educativa específica que é a da transmissão da fé:

A missão de educar exige que os pais cristãos proponham aos filhos todos os conteúdos necessários para o amadurecimento gradual da personalidade sob o ponto de vista cristão e eclesial. Retomarão então, as linhas educativas acima recordadas, com o cuidado de mostrar aos filhos a que profundidade de significado a fé e a caridade de Jesus Cristo sabem conduzir (FC 39).

Nessas linhas, percebemos como a Exortação Apostólica propõe a existência de um ministério educativo familiar cristão derivante do matrimônio e fruto do exercício do sacerdócio comum de todo o Povo de Deus como já indicava a *Lumen Gentium*:

Os cônjuges cristãos, enfim, pela virtude do sacramento do Matrimônio, [...] ajudam-se a santificar-se um ao outro na vida conjugal bem como na aceitação e educação dos filhos, e têm para isso no seu estado e função um dom especial dentro do Povo de Deus. Deste consórcio procede a família [...]. É necessário que nesta espécie de Igreja doméstica os pais sejam para os filhos pela palavra e pelo exemplo os primeiros mestres da fé (LG 11).

Tal “igreja doméstica” promove o despertar e o crescimento dos filhos na fé, em colaboração com as outras agências educativas:

A família é a primeira, mas não a única e exclusiva comunidade educativa: a dimensão comunitária, civil e eclesial do homem exige e conduz a uma obra mais ampla e articulada, que seja o fruto da colaboração ordenada das diversas forças educativas (FC 40).

Esta compreensão da *Familiaris Consortio* visa equilibrar duas tradições catequéticas históricas que não se harmonizaram até o início do século XX: a bíblica-patristica e a tridentina.

É verdade que não temos, no Novo Testamento, muitos testemunhos sobre os benefícios da educação da fé no seio de uma família cristã, contudo, é possível perceber como a Igreja, no Espírito, reconhece que o Senhor Jesus continua a realizar a sua obra redentora nas casas (cf. At 10,44 [Cornélio]; 16,15 [Lídia]; 16,31 [carcereiro de Filipos]; 18,8 [Crispo]; 1Cor 1,16 [família de Estéfanos]), mediante o serviço educativo dos pais “na disciplina e correção do Senhor” (Ef 6,4).

Neste sentido, a figura de Timóteo que emerge da segunda carta pastoral endereçada ao “bispo” é muito ilustrativa<sup>10</sup>. Em 2Tm 1,5, a carta evoca Timóteo a lembrança da fé “que habitou primeiramente em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice”.

Mais adiante a carta dirá:

Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo; tu sabes de quem o aprendeste. Desde a tua infância conheces as sagradas Letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra (2Tm 3,14-17).

Assim, Timóteo pertence a uma família devota, tendo sido educado religiosamente, desde a infância, pelo anúncio efetivo com a vida e as palavras dos membros de sua família (avó e mãe).

---

<sup>10</sup> Em At 16,1-2, Timóteo é apresentado como “filho de uma mulher judia, que abraçara a fé” e que foi circunciso por Paulo. Segundo Fabris este é um “retrato desbotado” devido muito mais às intenções teológico-redacionais da “escola lucana” de apresentar, fora da polémica antijudaica, Paulo (e Silas) como propagandistas das prescrições do Concílio de Jerusalém e sublinhar, assim, a continuidade e a concórdia entre judeus-palestinos e pagãos-helenistas (FABRIS, 1991, p. 309-311).

Podemos dizer que a catequese familiar neotestamentária é um desdobramento do que os apóstolos fizeram com os neoconvertidos (At 5,42). Um reforço do anúncio público de Jesus, o Messias, libertador confirmado por Deus. Fruto do dinamismo e da constância do primeiro grupo cristão e da capacidade de encontrar novas formas de proposição do Evangelho.

No período patrístico, a Igreja confiará, cada vez mais, aos pais (e como coadjuvantes aos padrinhos) a função de transmissão da fé aos filhos, principalmente a partir da paulatina consolidação da prática do Batismo infantil. Podemos falar de um “catecumenato familiar”, onde a transmissão é confiada aos núcleos familiares que são os responsáveis pela iniciação na vida comunitário-ecclesial. Principalmente na tradição patrística latina (Tertuliano<sup>11</sup> e Agostinho<sup>12</sup>) o papel catequético dos pais será muito acentuado, particularmente em sua dimensão moral (MUNIER, 2002, p. 563).

Contudo, é no período medieval, onde não existia mais o catecumenato antigo e a maioria dos cristãos eram analfabetos, que a família se constituirá como grande escola da vida (inclusive de fé)<sup>13</sup>. A família medieval não conhecia nenhum colaborador externo na educação. Tendo como fundamento a autoridade incontestada dos pais, a família se constituía como uma “pequena igreja”, um ambiente catequético. As palavras e os exemplos dos pais tinham um grande valor para a transmissão da fé. Eram os pais os primeiros catequistas dos filhos e responsáveis pela preparação à recepção dos sacramentos.

Os filhos participavam com os genitores da liturgia dominical e, na conversação doméstica, os pais retomavam os argumentos, as narrativas e as solicitações feitas durante a celebração dirigida aos adultos<sup>14</sup>. Além disso, o fato de serem as famílias numerosas fazia com que a administração do batismo ao filho recém-nascido fosse oportunidade para a recordação do próprio batismo e da própria responsabilidade como batizado. O mesmo, podemos supor, acontecia com os sacramentos da Eucaristia e da Crisma. Esse processo de catequese doméstica medieval tinha um efeito de catecumenato contínuo.

---

<sup>11</sup> Para uma breve síntese da reflexão catequética de Tertuliano, ver: BERNARDO, 1989; HOBLAJ, 1987, p. 636-637.

<sup>12</sup> Para uma breve síntese da reflexão catequética de Agostinho, ver: LÄPPLE, 1985, p. 66-69; PASQUATO, 1987, p. 23-25.

<sup>13</sup> Faltam estudos sobre o processo de transmissão da fé ao longo dos séculos medievais, porém, nos servimos da constatação de Jungmann, em sua clássica obra sobre a catequese quando diz: “tampoco se dió en la Edad Media una catequesis de niños regulada metódicamente por la Iglesia. Dejó también de existir la catequesis de adultos a la manera del primitivo catecumenado cristiano [...]. Y, a pesar de todo, se encuentra en la Edad Media un cristianismo foreciente. El cristianismo foreciente de este período se nos apresenta, de momento, casi como um misterio” (JUNGMANN, 1961, p. 23).

<sup>14</sup> Sobre a catequese na Idade Média, ver: LÄPPLE, 1985, p. 81-102.

O Concílio de Trento é o responsável pelo surgimento da catequese infantil tal como nós a conhecemos<sup>15</sup>. A organização da catequese infantil tende substancialmente a diminuir gradualmente o valor que, até então, os pais possuíam no processo de transmissão da fé (BOUREAU, 1970, p. 53).

Historicamente, inicia-se, assim, a gradual renúncia dos pais à transmissão da fé e o consequente processo de surgimento de um modelo catequético subsidiário funcional. Quando maduro, tal modelo constituir-se-á a partir da ideia de que compete aos pais apoiar a ação dos catequistas assegurando a frequência dos filhos, controlando o seu desempenho e favorecendo as variadas formas de participação na vida eclesial.

Neste modelo subsidiário, o catequista desempenha um papel primário- -supletivo e o núcleo familiar desenvolve uma função secundária de apoio. Em muitas ocasiões, o que irá acontecer é o cenário de completa renúncia da tarefa da transmissão. Principalmente, a partir do século XVIII, quando, com a introdução da obrigatoriedade escolar, a catequese passa a ser considerada uma das matérias escolares obrigatórias<sup>16</sup>.

O que acontece é que aos poucos a família (e também a Igreja) dispensa-se da função de instrução na fé, ainda que, no âmbito familiar, acontecesse o processo de repetição e memorização dos conteúdos oferecidos no ensino religioso escolar. Contudo, a catequese familiar vai perdendo sua força e sua importância (quase desapareceu completamente)<sup>17</sup>.

Vemos, portanto, como em sua concepção, a *Familiaris Consortio* tem em mente um modelo ministerial que tenta conjugar dois interessantes aspectos: o papel da família no processo de transmissão (período bíblico- patrístico-medieval); e, ao mesmo tempo, a sua não exclusividade (período tridentino-iluminista).

---

<sup>15</sup> Sobre as propostas catequéticas no período da Reforma e do Iluminismo, ver: LÄPPLE, 1985, p. 103-172.

<sup>16</sup> Assim se expressa Läßple sobre a introdução da catequese no espaço escolar: “le chiese cristiane erano soddisfatte e riconoscenti per il fatto che la catechesi non dovesse essere più fatta all’infuori delle scuole pubbliche, come iniziativa della chiesa e in ambienti ecclesiastici. Tra le materie scolastiche la catechesi ebbe un posto d’onore. Nelle pagelle l’insegnamento della religione fu messo addirittura al primo posto” (LÄPPLE, 1985, p. 145-146).

<sup>17</sup> A partir da segunda metade do século XX, surge, em muitos contextos (inclusive no Brasil), o apelo de integração entre o ensino religioso escolar e o processo catequético. Tal apelo fundamenta-se na análise da nossa situação de perda do sentido do religioso e, conseqüentemente, dos aspectos confessionais enquanto direito pessoal de um cidadão dentro de um Estado Leigo, mas não a-religioso ou a-teu. Sem querer entrar em polêmicas e exaurir a questão, cremos que seria interessante uma análise minuciosa das razões históricas que fizeram com que, no consórcio catequese-escola, a primeira se esfacelasse quase completamente, tanto em suas características familiares, como comunitárias.

Designamos tal modelo de ministerial por entendermos que nele os pais educam os filhos à fé, entendendo-se como co-participantes do único projeto cristão, pois a Igreja está presente e age na família através da especificidade carismática dos seus membros. Tal especificidade carismática é aberta e dialogal, colocando-se a serviço da comunhão eclesial.

Por isso, em relação aos seus filhos, os pais são chamados pelo Vaticano II de “primeiros mestres da fé” (LG 11) e “primeiros anunciadores e educadores da fé” (AA 11). Um primeiro anúncio que, sempre à luz do Concílio, deriva da experiência familiar (cf. LG 11.41; GS 50.61; GE 3).

A visão da Exortação apostólica não restringe o serviço dos pais à transmissão da fé, mas o estende à totalidade da vida, como uma espécie de ministério reconhecido pela própria comunidade de fé<sup>18</sup>.

Assim, a *Familiaris Consortio* promove o carisma educativo dos pais, reconhecendo o seu inegável e insubstituível valor no processo catequético. Veremos, mais adiante, como, dentro deste contexto, cabe à pastoral catequética, ainda que com intervenções diversificadas, colocar-se ao lado dos grupos familiares para que ambos realizem um projeto pastoral comum de transmissão da fé, na comunhão e diversidade ministerial.

## CONVERGÊNCIAS PASTORAIS POSSÍVEIS SOBRE FAMÍLIA HOJE

Após a análise de algumas indicações doutrinárias sobre o papel educador/ transmissor da família, à luz da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, depreendemos que as proposições magisteriais acreditam que, através do grupo familiar, acontece a edificação pessoal, social e política da pessoa humana. João Paulo II chega mesmo a falar de um novo humanismo em nome do Evangelho:

Põe-se assim a toda a Igreja o dever de uma reflexão e de um empenho bastante profundo, para que a nova cultura emergente seja intimamente evangelizada, sejam reconhecidos os verdadeiros valores, sejam defendidos os direitos do homem e da mulher e seja promovida a justiça também nas estruturas da sociedade. De tal modo o “novo humanismo” não afastará os homens da sua relação com Deus, mas

---

<sup>18</sup> “No se trata sólo de la educación por la palabra, sino de la educación integral, que abarca, sí la Palabra, pero también el testimonio, la oración, la celebración, y de forma especial la iniciación cristiana” (BOROBIO, 2001, p. 272).

conduzi-los-á para ele mais plenamente. [...] Podem aplicar-se aos problemas da família as palavras do Concílio Vaticano II: “Mais do que os séculos passados, o nosso tempo precisa de uma tal sabedoria, para que se humanizem as novas descobertas dos homens. Está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria” (GS 15); (FC 8).

Nestas linhas, o Pontífice apresenta uma das maiores fragilidades (talvez a maior) da família e denuncia os desvios morais que decorrem de tal fragilidade, colocando seu olhar, sobretudo, naquilo que a Igreja propõe a ser vivido dentro do espaço familiar tal qual recita o Evangelho. O tom da Exortação não é passivo-doutrinal, mas ativo-pastoral, uma vez que, tanto o Sínodo que a precedeu, como o Romano Pontífice que a redigiu sabem que não se encontram mais dentro de um mundo compreendido como cristão, mas sim, dentro de uma realidade complexa onde a fé se propõe e se experimenta dentro de um ambiente pluralista de sabedorias ou, para dizer com a *Familiaris Consortio*, num universo onde a sabedoria faz falta.

Existem duas pretensões pastorais complementares presentes na reflexão magisterial: 1) a Igreja deve oferecer seu auxílio às famílias; 2) a Igreja, através da família, tem algo a propor ao mundo contemporâneo. Ou, em outras palavras, é necessário pensar uma pastoral para a família e uma pastoral com a família. Não se trata, porém, de duas intervenções pastorais isoladas e independentes, mas, provavelmente, elas só podem ser separadas do ponto de vista metodológico.

Deste modo, podemos afirmar que a Igreja, convencida de que precisa sustentar, iluminar e defender a família, por acreditar que ela é um lugar, uma comunidade onde faz-se a humanidade. Como todas as instâncias educativas, mas, talvez, mais do que todas as outras, a família é um lugar eminentemente antropogênico. A família produz sujeitos, constituindo-se como um fenômeno particularmente surpreendente e rico em nossos tempos e, principalmente, em nossos espaços de atuação pastoral. Gostaríamos de propor uma leitura *kairológica*<sup>19</sup> a partir de quatro grandes convicções que acomunam as proposições do magistério e as realidades pastorais que encontramos diante de nós.

---

<sup>19</sup> Entendemos por leitura kairológica aquela que “sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. [...] Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar limitações. Fiel ao dom do /senhor, sabe também “frutificar”. [...] Encontra o modo para fazer com que

A primeira é a convicção de que a família, em suas diferentes formas atuais, é o primeiro lugar de humanização, de estruturação e de produção de identidade das pessoas:

Enquanto comunidade educativa, a família deve ajudar o homem a discernir a própria vocação e a assumir o empenho necessário para uma maior justiça, formando-o desde o início, para relações interpessoais, ricas de justiça e de amor (FC 2).

A segunda convicção é que a família é um polo relacional estruturante de referência que atenua as dificuldades sociais e afetivas, mesmo nas situações mais complexas como, por exemplo: nas crises entre as gerações; nas separações familiares; e nas recomposições familiares. Terceira convicção: a família transmite mais do que qualquer outra grande instituição de transmissão. Ela é a que assume melhor (ou menos mal) a função de transmissão de uma geração à outra. Contudo, segundo modos operacionais diversos dos que estávamos acostumados. A família é um espaço de transmissão mais iniciático do que cognitivo.

A quarta convicção é aquela de que a família contemporânea dedica mais forças à construção de relações humanas intra-familiares. Ela é mais afetiva, mais relacional e, conseqüentemente, menos hierárquica e piramidal.

Assistimos, assim, não ao eclipse da instituição familiar, mas sim a um processo de fragilização familiar que está fazendo surgir uma nova configuração, o surgimento de contornos novos que, contudo, não a descaracterizam como espaço de estruturação pessoal, como espaço de apoio para a vida afetiva e social, como comunidade que sabe amortizar os efeitos das diversas crises e mutações pelas quais passa a pessoa humana.

Assim, malgrado as mutações contemporâneas que interpelam e desestruturam nossas ações catequéticas, é possível, em perspectiva pastoral, afirmar que existe uma convergência entre a doutrina do magistério e a realidade pastoral, no que tange ao papel transmissor da família.

Contudo, é preciso notar que quando tomamos como referência tanto o modelo bíblico-patristico-medieval, como o modelo tridentino-iluminista, de fato, seremos obrigados a falar em crise do processo de transmissão. Isto porque a maioria das famílias não está mais

---

a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. [...] Celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente à evangelização” (EG 24).

forçada pela necessidade de transmitir. Mesmo assim, põe em ato uma transmissão “anônima” segundo graus de explicação e de intencionalidades que são muito variáveis. Produzindo dispositivos de referência identitária que geram sinais de reconhecimento e de diferenciação social. É o conjunto desses dispositivos que fornece uma espécie de “marca comum” a todos os membros de um mesmo grupo familiar. Tal “marca comum” atua nas dimensões sociológico-jurídicas, simbólico-rituais, psico-afetivas e pode, também, aparecer na religioso-confessionais.

É um processo de transmissão mais implícito que explícito, porque não está marcado por uma vontade expressa de passar conteúdos intelectivos. O que se transmitem são bens materiais e bens simbólicos através de canais como as heranças, os gestos, fotos, etc. Tal modo de transmissão possui, portanto, meios de força que são distintos daqueles que estávamos acostumados a reconhecer. Este fenômeno de inter-relação e cruzamentos de identidades dentro da família reforça-se, ainda mais, nas famílias “verticais”, isto é, nos grupos familiares onde co-existem diversas gerações (em alguns casos, até cinco gerações). Em tais famílias é possível verificar a tensão fecunda entre a continuidade da tradição e a invenção de formas novas de transmissão.

Contudo, precisamos estudar com seriedade até que ponto este cruzamento de gerações é ou não capaz de ocasionar fenômenos novos de reciprocidade dentro de um processo de saberes e de hábitos. Quais são os efeitos produzidos pela passagem de uma “família nuclear” a uma “família não-nuclear” que muda, mas, ao mesmo tempo, resta como a instituição responsável pela estruturação das identidades na atualidade (SINGLY, 1993, p. 263)? Parece-nos, contudo, que uma coisa é certa: o grupo familiar, o exemplo dos pais e demais parentes são essenciais, mas não constituem o todo do processo de transmissão da fé. O processo de transmissão nunca está totalmente assegurado pelo esforço dos pais. Os filhos podem ou não se apropriar desta herança, eles decidirão entre os caminhos de identificação e os caminhos de diferenciação com a referência familiar.

Ainda que o processo de transmissão aconteça, ele está sempre acompanhado pela vontade de demarcação de espaços individuais e, conseqüente distanciamento por parte dos filhos do modelo paterno/materno. Isto quer dizer que o contexto de fé de uma família caracteriza a sua vida cotidiana, criando as condições necessárias para a transmissão do dom da fé, mas este contexto de fé não é capaz de produzir o dom da fé. A família é capaz de

transmitir um *ethos* que possibilita a experiência de doação. Neste sentido, a família não garante a conversão, mas sim, pode vir a favorecer a opção por Jesus Cristo que, contudo, permanece como uma decisão pessoal dos filhos.

Tal fato é um bem, pois, do ponto de vista catequético, faz-nos entender a família não como sujeito exclusivo da transmissão, mas como um espaço relacional de iniciação à vida cristã, aonde os filhos encontram os primeiros elementos que os ajudarão a de maneira progressiva e pessoal optar pela pessoa de Jesus Cristo. Cabendo, contudo, à comunidade cristã a proposição de um caminho de discipulado missionário maduro e consciente, a partir desse alicerce lançado pela família. A família será, portanto, auxiliada pastoralmente a ser este espaço relacional da iniciação à vida cristã. Um espaço com características diferentes daquelas que pertencem aos outros iniciadores/educadores na fé.

É nesse sentido que entendemos a família como um dos cinco lugares comunitários imediatos onde os cristãos nascem para, são educados na e vivem a fé (DGC 253). Como lugar de catequese, ela tem a prerrogativa única de transmitir o Evangelho, enraizando-o profundamente no conjunto dos valores humanos e proporcionando uma iniciação à vida cristã mais testemunhal do que intelectual, mais ocasional do que sistemática, mais cotidiana do que estruturada (DGC 255).

Ao mesmo tempo, que não negamos a importância e o valor da família no processo de iniciação à fé, porém, não a exaltamos como a única capaz de fazê-lo. Isto nos ajuda a repensar, do ponto de vista catequético, a necessidade de revitalizar o papel educador da família em ordem a outros elementos catequéticos que a conduzam à sua plenitude, especialmente, a experiência comunitária<sup>20</sup>.

Em outras palavras, do ponto de vista catequético, o problema não é o processo de transmissão familiar, mas devemos nos preocupar para que ele não aconteça (na verdade não se dará) de maneira solitária e isolada. Mas sim, dentro de um processo integral de iniciação à vida cristã. Posto que o papel catequético da família é principiar e não finalizar a transmissão,

---

<sup>20</sup> Interessante a perspectiva do Diretório: “a comunidade cristã é a realização histórica do dom da ‘comunhão’ (koinonia), que é um fruto do Espírito. [...] A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo. E é esta mesma comunidade que acolhe aqueles que desejam conhecer o Senhor e empenhar-se numa nova vida. Ela acompanha os catecúmenos e catequizando no seu itinerário catequético e, com materna solicitude, torna-os partícipes da própria experiência de fé e os incorpora no seu seio. A catequese é sempre a mesma. Mas estes ‘lugares’ de catequizações lhe dão, cada um, conotações originais. É importante saber qual é o papel de cada um deles no processo de catequese” (DGC 253-254).

cabe considerá-la como princípio capaz de desencadear, mas que exige uma continuidade iniciadora. Em outras palavras, a função catequética da família dependerá mais do que seremos capazes de propor “em seguida” ou “a partir de” do que daquilo que “nos precedeu” (muitas vezes, objeto de lamento e insatisfação).

Para isso, é de suma importância que as igrejas locais (e, em seguida, as paróquias) possuam um verdadeiro projeto pastoral de iniciação à vida cristã<sup>21</sup> que, tendo em conta a família como ponto de partida do itinerário catequético dos filhos, ofereça mediações reais, coerentes, integrantes e dinâmicas para conduzir à iniciação à vida cristã à sua plenitude (BOURGEOIS, 1993). Assim, à família, enquanto primeiro passo da iniciação e fundamento do processo iniciático, devemos dedicar máxima atenção pastoral. Em primeiro lugar, como já mencionamos, inserindo-a dentro de um projeto pastoral integral de iniciação à vida cristã que valorize-a, mas a integre com os diversos outros lugares catequéticos da comunidade cristã. Segundo, promovendo um processo catequético de inspiração catecumenal onde as famílias sejam auxiliadas a compreender que a iniciação à vida cristã é mais do que preparação à recepção dos sacramentos e auxiliadas no desenvolvimento de sua “vocação primeira” e irrenunciável neste processo. Terceiro, consolidando a integração entre a família e os demais lugares de catequese, promovendo a participação familiar e suscitando experiências de transmissão da fé através da oração e do relacionamento com a comunidade que estimulem uma vida intra-familiar consequente com a fé que está sendo transmitida. Quarto formando a comunidade de fé para que, desempenhando seu papel ministerial, se sinta responsável e colabore com as famílias através de gestos de acolhida, de encontros e celebrações, de maneira que a família seja ajudada a cumprir sua função ou serviço catequético<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> É neste sentido que uma das urgentes Ações Evangelizadoras proposta pela CNBB é a da Igreja local como “Casa da Iniciação à Vida Cristã”: cf. DGAE 37-43.85-91; COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, 2014.

<sup>22</sup> Encontramos algumas indicações interessantes no Diretório Nacional de Catequese: “para que a família exerça sua responsabilidade como educadora da fé, é preciso valorizar: a) a família como santuário da vida, onde se faz a primeira e indispensável experiência do amor, de Deus, da fé, de vida cristã e de solidariedade; b) o clima familiar propício de diálogo, de perdão, de solidariedade, de oração familiar e de participação na comunidade que envolve a criança desde o ventre materno; c) a valorização dos eventos, festas e celebrações familiares, enriquecendo-os com conteúdo cristão; d) as oportunidades de formação para que a vida de família seja um itinerário da fé e escola de vida cristã, esforçando-se por se transformar em Igreja doméstica; e) a religiosidade transmitida especialmente pelos avós; f) a missão dos pais na educação cristã dos filhos, a participação, a colaboração da família na catequese e na comunidade cristã” (DNC 239).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### A SEMENTE JÁ FOI LANÇADA

Concluindo, destacamos que a semente lançada é a Palavra salvífica de Deus e a família, sendo preparada, é o solo primeiro e propício para receber, fazer vicejar e multiplicar os frutos almejados e alcançados.

Impulsionados pelas propostas apresentadas e refletidas como objetivo dos encontros, promovidos pela Catequese cristã com a Família, os pais, como são os primeiros semeadores da Palavra de Deus, e os filhos os primeiros recebedores das primeiras sementes, que edificarão entre nós o Reino trazido por Jesus. O reino “é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou em sua horta; ele cresce, torna-se árvore, ...” (Lc 13,19).

Os primeiros frutos transformam-se, objetivamente, em árvores frondosas que sinalizam robustez e serviços, como o fornecimento de sombra para o descanso reconfortante e também de retomada do caminho, inspirados, estimulados e impulsionados pela graça do amor do Espírito que santifica.

Expressam e realizam a missão assumida, a missão Salvífica de Jesus Redentor, por meio da celebração e da vivência dos sacramentos, sinais materiais que significam e apontam para o espiritual.

A vivência comunitária, consagrada a testemunhar a presença e a ação de Jesus, simbolizará e mostrará de maneira concreta e visível, o encontro e a adesão acolhida e vivida da proposta cristã.

A crise atual (com as suas múltiplas facetas e dimensões) fragiliza a família e, como ela está fragilizada, os indivíduos e as instituições sociais também estão fragilizados. Ao mesmo tempo, neste momento de crise, a família é um espaço de solidariedade que atenua os efeitos negativos dessa própria crise. Cabe à Catequética estudar esse fenômeno e propor intervenções pastorais capazes de auxiliar, corrigir e reconfigurar o papel transmissor que a família exerce e pode ser capaz de exercer.

A família realiza uma iniciação à vida de fé cotidiana, produzindo um primeiro extrato de vida cristã que a catequese poderá acompanhar e estruturar. Esta relação entre família e catequese nos faz tomar consciência de que a estrutura catequética colocada em ato desde o

Concílio de Trento está eclipsada, forçando, portanto, o Magistério eclesial a repensar as condições da iniciação à vida cristã em toda a sua amplitude. Tal revisão exige que a catequese seja concebida em perspectiva evangelizadora e missionária e não mais em perspectiva intelectual e escolar.

Terminado este estudo, nos é possível afirmar que os *Documento de Aparecida*, *Familiaris Consortio* e recentemente *Amoris Laetitia*, assim como diversos ensinamentos da Igreja expresso em vários documentos da Igreja sobre família permanecem atual quando nos recorda que a Igreja precisa sustentar, iluminar e auxiliar as famílias que encontram-se bem no meio de transformações sociais e culturais. Refletir sobre as relações entre família contemporânea e catequese coloca-nos na necessidade de reconhecer uma ação diaconal (usado com o sentimento sobre a dimensão do serviço na Igreja) da comunidade de fé. Onde o serviço que a Igreja pode oferecer às famílias é aquele de reconhecer que o Evangelho humaniza e que, portanto, vale a pena a família dedicar-se ao ministério catequético, juntamente com a comunidade eclesial.

Neste serviço, a Igreja entende-se que a prioridade não é mais propor verdades de fé a serem aprendidas (ainda que isto seja constitutivo da dimensão catequética), mas propor a fé cristã como caminho de humanização através das experiências litúrgicas, de escuta da Palavra e do serviço sócio-comunitário. Entende, também, que as famílias não são “igrejas domésticas”, mas podem vir a ser. Relacionando-se, do ponto de vista catequético, com as famílias como lugar missionário de explicitação da fé que se encontra de maneira germinal no tecido cotidiano das relações familiares.

Realizando uma catequese para as famílias que aceita o desafio de propor o Evangelho e que ajuda as famílias a viverem melhor, que as sustenta e as ilumina. Através da catequese, a Igreja não pode querer substituir a família, mas sim, ajudá-la a fim de que ela possa encontrar os recursos necessários para iniciar ao Evangelho na vida do dia-a-dia.

Na atualidade, em virtude da força e do valor que o indivíduo tem a família, como a Igreja, não é a causa da conversão, mas transmite a possibilidade de um encontro e uma opção por Jesus Cristo. Família e catequese não garantem a transmissão do dom da fé, mas podem oferecer o espaço onde a eclosão deste dom seja possível, não obstante a pluralidade cultural de nossos dias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. *Deus caritas est sobre o amor cristão*. 1.ed.São Paulo, Paulinas, 2006.
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BERNARDO, B. *Simbolismo e Tipologia do Baptismo*. Lisboa: Didaskalia, 1989.
- BOROBIO, Dionisio. *Misión y Ministerios Laicales. Mirando al futuro*. Salamanca: Sígueme, 2001.
- BOUREAU, Daniel. *La mission des parents. Perspectives conciliaires*. Paris: Cerf, 1970.
- BOURGEOIS, Henri. *Teologia catecumenale. A proposito della “nuova” evangelizzazione*. Brescia: Queriniana, 1993.
- BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético. Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: CNBB, 2014.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. In: VIER, Frederico. (Org.). *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE IV, 1991, Santo Domingo. *Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre: texto conclusivo*. São Paulo: Paulus, 1992.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida: texto conclusivo*. 7. ed. CNBB: Brasília, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Paulus, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. Vaticano: LEV, 1997.

DE SINGLY, François. *Sociologie de la famille contemporaine*. Paris: Nathan Université, 1993.

DIAS, Martins Geraldo. *O agir pastoral que integra e não marginaliza*. Vida Pastoral n. 312, 2006.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS, n° 197. João Paulo II. *Exortação apostólica familiaris consortio*. Petrópolis: Vozes, 1982.

Exortação Apostólica Familiaris Consortio sobre a função da família cristã no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 1989.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos. Tradução e comentários*. São Paulo: Loyola, 1991.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013.

HACKMANN, Geraldo Luís. Borges. *O referencial teológico do Documento de Aparecida*. In: Teocomunicação, v. 37, n. 157 set. 2007.

HOBLAJ, Alojzije, Tertulliano. In: GEVAERT, Joseph. (Org.). *Dizionario di Catechetica*. Leumann (TO): Elle Di Ci. 1987.

IDÍGORAS, José Luis. *Vocabulário Teológico: Para A América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983.

III SEMANA LATINO-AMERICANA DE CATEQUESE. *A caminho de um novo paradigma para a catequese*. 2006, N. 64.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio sobre a função da família cristã no mundo de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1987.

JUNGMANN, Josef, Andreas. *Catequética. Finalidad y método de la instrucción religiosa*. Barcelona: Herder, 1961.

LÄPPLE, Alfred. *Breve storia della catechesi*. Brescia: Queriniana, 1985.

MORAES, Abimar. *O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à Evangelii Gaudium*. In: PORTELLA AMADO, Joel.; FERNADES, Leandro (Org.). *Evangelii Gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. Rio de Janeiro/São Paulo: Puc-Rio/ Paulinas, 2014.

MUNIER, Carlo. Família. In: Jean. GRIBOMONT et al. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002.

NOVA BIBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014

PAIVA, Vanildo. *Catequese e liturgia: duas faces do mesmo mistério. Reflexões e sugestões para a interação entre catequese e liturgia*. São Paulo: Paulus, 2014.

PASQUATO, Ottorino. Agostino. In: GEVAERT, J. (Org.). *Dizionario di Catechetica*. Leumann (TO): Elle Di Ci, 1987.

PAULO VI. *Carta Encíclica Humanae vitae sobre a regulação da natalidade*, 1968.

TOMMASI, R. *Crisi della trasmissione e risorse simboliche del campo pratico*. In: FALAVEGNA, Ezio.; VIVIAN, Dario (Org.). *La trasmissione della fede oggi. Iniziare alla vita cristiana, dono e compito*. Padova: Messaggero, 2011.

VIII SULÃO DE CATEQUESE. *Mistagogia: novo caminho formativo de catequistas. Encontramos o Senhor! Vem e vê!* São José do Rio Preto, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: a conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: CNBB, 2014. (Documentos da CNBB, 100).